

A violência na escola e os distúrbios de voz de professores

Léslie Piccolotto Ferreira*

Maria do Rosário Dias de Oliveira Latorre**

Susana Pimentel Pinto Giannini***

Resumo

Objetivo: verificar a associação entre a presença autorreferida de distúrbio de voz e de aspectos relacionados à violência, em professores. **Método:** Foram selecionados 422 professores da rede municipal de ensino de São Paulo, que responderam instrumento contendo questões (tipo sim-não) para levantar distúrbio vocal e aspectos referentes à violência escolar. Análise estatística utilizou teste qui-quadrado, sendo distúrbio vocal a variável dependente e situações de violência, as independentes. Para verificar se essas variáveis mantinham significância, independente do sexo e tempo de profissão, realizou-se análise múltipla por modelo de regressão logística. **Resultados:** 60,0% disseram ter distúrbio vocal. As situações de violência mais mencionadas estiveram relacionadas à indisciplina, pichação e briga. Em sala de aula, o distúrbio vocal esteve estatisticamente associado à ameaça ao professor ($p=0,043$), e no ambiente escolar em geral, às manifestações de racismo ($p=0,029$), agressões ($p=0,009$), insultos ($p=0,029$), violência à porta da escola ($p=0,005$), e violência contra funcionários ($p=0,042$). Todas as variáveis permaneceram estatisticamente associadas ao distúrbio vocal na análise múltipla. **Conclusão:** a autorreferência à presença de distúrbio de voz está associada a situações frequentes de ameaça ao professor, agressões, insultos, violência à porta da escola ou contra funcionários, independente dos fatores sexo e tempo de exercício profissional.

Palavras-chave: voz, distúrbios da voz, violência, docentes

Abstract

Aim: To verify the influence of school violence in the occurrence of vocal symptoms in teachers of the city of São Paulo. **Method:** questionnaire with 422 teachers related reference to vocal symptom and school violence. Statistical analysis used the chi-square test, where vocal disorder was the dependent variable and violence situations the independent variables. In order to verify whether these maintained significance, independently from sex and years of teaching, a multiple analysis through logistic regression was performed. **Results:** 60,0% reported having vocal symptoms, being the most frequently reported dry throat, hoarseness and strained speech. The most frequently mentioned violence situations were indiscipline, graffiti and fights. Inside the classroom, vocal disorder was statistically associated to threats towards the teacher ($p=0,043$), and in the school environment in general, to racist manifestations ($p=0,029$), aggressions ($p=0,009$), insults ($p=0,029$), violence at the school door ($p=0,005$), violence towards employees ($p=0,042$). All variables remained statistically associated to vocal disorder in the

* Professora Titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Coordenadora e docente do Curso de Especialização em Fonoaudiologia –Voz – PUC-SP/COGEAE. ** Professora Titular do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP. *** Fonoaudióloga do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo e da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC/PUC-SP); docente do Curso de Especialização em Fonoaudiologia–Voz – PUC-SP/COGEAE.

multiple analysis. **Conclusion:** Violence situations are associated to the presence of vocal symptoms in teachers, independently from age, sex and years of teaching factors.

Keywords: voice, voice disorders, violence, faculty

Resumen

Objetivo: Determinar la asociación entre el auto-reporte de la presencia de trastorno de la voz y de aspectos relacionados a la violencia con profesores. **Método:** fueron seleccionados 422 profesores de la red municipal de enseñanza de San Pablo que respondieron a un instrumento que contenía preguntas (tipo sí o no) para averiguar trastorno de la voz y aspectos relacionados a la violencia escolar. El análisis estadístico usó teste qui cuadrado. Se consideró el trastorno de la voz como variable dependiente, y las situaciones de violencia como independientes. Para averiguar si estas variables tenían significancia, independientemente de sexo y tiempo de servicio, se realizó análisis múltiple según modelo de regresión logística. **Resultados:** 60% dijeron tener trastornos vocal. Las situaciones de violencia mas mencionadas se relacionaron a indisciplina, graffiti y pelea. En el aula, el trastorno de la voz se asoció estadísticamente con la amenaza al profesor ($p = 0,043$), y en el ambiente escolar en general, a las manifestaciones de racismo ($p = 0,029$), agresión ($p = 0,009$), insultos ($p = 0,029$), violencia en la puerta del colegio ($p = 0,005$), y violencia contra funcionarios ($p = 0,042$). Todas las variables se mantuvieron estadísticamente asociadas con el trastorno de la voz en el análisis múltiple. **Conclusión:** La auto-referencia a la presencia de trastorno de voz esta asociada con situaciones de amenaza al profesor, agresiones, insultos, violencia en la puerta de la escuela o en contra de los empleados, independientemente de los factores sexo y tiempo de ejercicio profesional.

Palabras claves: voz, trastornos de la voz, violencia, docentes

Introdução

A palavra violência incorpora vários sentidos, históricos e culturais, que correspondem a situações que vão desde pequenas infrações e ataques a bens materiais, até situações entendidas como risco de vida. Há, porém, um ponto básico: um ato de violência é toda e qualquer agressão, física, moral ou institucional dirigida contra a integridade de um ou de vários indivíduos ou grupos ⁽¹⁾.

Lugar privilegiado para formação de cidadãos, a crescente presença de violência nas escolas não é um tema novo na literatura ⁽²⁾. A desigualdade e a exclusão social podem explicar a presença crescente da violência no ambiente escolar ⁽¹⁾ e, a cada dia, mais queixas relacionadas à indisciplina, à apatia nas relações, às ameaças, à presença de muros e grades, à depredação mostram que a escola "parece ter sido substituída, grande parte das vezes, pela visão difusa de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas mas visíveis o suficiente

para causar uma espécie de mal-estar coletivo nos educadores brasileiros" ^(3, p8).

Destaca-se o professor neste estudo, especialmente porque, muitas vezes, é quem mais sofre e torna-se refém dessa situação. Ainda que pese o fato de que a razão da violência escolar está para além da própria escola, o professor é o profissional mais suscetível a essa situação, enfrentando, a cada dia, pressões e conflitos diversos.

Estudo realizado sobre condições de trabalho com professores da rede de ensino público de várias localidades do Brasil ⁽⁴⁾, no qual o tema da violência e segurança nas escolas foi abordado, três tipos de situações são identificados como mais frequentes: as depredações, furtos ou roubos que atingem o patrimônio; as agressões físicas entre os alunos; e as agressões de alunos contra os professores. Ressalta-se nesta pesquisa, entretanto, que as práticas de agressão, tanto entre os alunos como contra os professores, são mais comuns em estabelecimentos de grande porte e nas capitais. Em outro trabalho ⁽⁵⁾, os autores concluíram que os efeitos de roubo

e depredações são mais evidentes e fortes nas escolas públicas, e, quanto maior a agressão sofrida pela escola, piores são seus índices de rendimento, atingindo, sobretudo as 4^{as} e 8^{as} séries do ensino fundamental.

Pesquisa conduzida em escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro ⁽⁶⁾ registra, entre os alunos, problemas relacionados às discussões, agressões físicas, ameaças e uso de drogas, enquanto, entre os educadores, agressões verbais, depredações, ameaças e intimidações. De maneira semelhante, outra pesquisa realizada em cidades mineiras ⁽⁷⁾ destaca altos índices de uso de drogas, depredações e pichações, ameaça de gangues, arrombamentos, e furtos a alunos. No município de São Paulo, estudo ⁽⁸⁾ aponta que os sentidos da violência para os educadores são múltiplos e contextualizados. Quando presentes em alguns discursos trazem implicações para o cotidiano escolar por favorecer práticas que ora podem ser excludentes, ora paternalistas. De modo geral, os educadores consideram um ato de violência o fato de não conseguirem cumprir a missão primordial da escola que é educar.

Nesse ambiente profissional, há crescente associação da atividade docente a vários sintomas, sendo, atualmente, os distúrbios psíquicos e vocais as principais causas de afastamento do trabalho ⁽⁹⁾.

Os professores buscam tratamento para os distúrbios de voz e revelam, em seus relatos, que o adoecimento guarda estreita relação com as condições do trabalho docente. A associação das condições do trabalho docente ao prejuízo da produção da voz é destacada em vários estudos, tanto em relação aos aspectos ambientais da escola, como a presença de ruído que obriga o uso da voz em volume mais elevado, ou de poeira que desencadeia reações alérgicas, como a organização do trabalho docente, como jornadas prolongadas de trabalho, ritmo estressante, falta de autonomia, entre outros ^(10,11).

Dentre os estudos epidemiológicos que apontam a alta prevalência de distúrbios de voz no professor, faz-se presente, em maior número, aqueles que se direcionam e evidenciam a relação da voz com os aspectos físico-ambientais da escola ⁽¹²⁾. Poucos, no entanto, são aqueles voltados para analisar a associação de fatores da organização do trabalho docente e, mais especificamente, dos aspectos relacionados à presença de violência nas escolas, ao distúrbio vocal ⁽¹³⁾. Dessa forma, o

objetivo deste estudo foi verificar a associação entre a presença autorreferida de distúrbio de voz e de aspectos relacionados à violência em professores.

Método

O estudo foi realizado com professores de ensino fundamental e médio de escolas do município de São Paulo. Para o cálculo do tamanho da amostra foi assumida prevalência de distúrbios vocais de 60% entre os professores ⁽¹³⁾, erro de 5% e intervalo de confiança de 95%. Sendo assim, seriam necessários 365 professores, acrescentando-se 10% de forma a compensar eventuais perdas. Do total de 31.825 professores, distribuídos em 30 distritos, foram sorteadas as escolas que fariam parte desta pesquisa e estabelecido o número de 15 professores por escola, totalizando 450 sujeitos. Desses, 28 não completaram o questionário ou faltaram no dia da entrevista. Desta forma, a amostra final consistiu-se de 422 professores.

Foi feito contato com os professores sorteados que, ao aceitarem participar, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, momento em que o anonimato foi garantido. A seguir, foi entregue o questionário Condição de Produção Vocal – Professor (CPV-P) ^(13,14) que, além de registrar dados sócio-demográficos, apresentou questões (tipo sim/não) para investigar a autorreferência de distúrbio de voz e autorreferência à presença de situações de violência no ambiente escolar (por meio da pergunta “Assinale quais das situações de violência relacionadas já ocorreram na escola”), a saber: depredações, roubo de objetos pessoais, roubo de material da escola, roubo por aluno fora da escola, ameaça ao professor, intervenção da polícia, manifestação de racismo, indisciplina em sala de aula, brigas, agressões, alunos armados, insultos, violência à porta da escola, violência contra os funcionários, violência sexual, problemas de drogas e pichações. O questionário foi recolhido uma semana após o primeiro contato.

Como variável dependente foi considerada a autorreferência de distúrbio de voz e, como variáveis independentes, as características demográficas (sexo e idade), ocupacionais (tempo de profissão como professor, tipo de escola e vínculo na escola) e a referência de situações de violência no ambiente de trabalho.

A análise estatística foi feita, primeiramente, pelo teste de associação pelo qui-quadrado. Foram

considerados fatores associados, estatisticamente, a presença de distúrbio de voz às variáveis com $p < 0,05$. Para verificar se tais variáveis mantinham sua significância independente de sexo e tempo de profissão, foi feita a análise múltipla utilizando modelo de regressão logística.

A pesquisa foi aprovada pela Superintendência de Educação do Município de São Paulo e pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Resultados

Foram analisados 422 professores, sendo a maioria do sexo feminino (92,9%). A idade variou de 24 a 69 anos, com média de 40,5 anos (desvio padrão de 8,83 anos) e mediana de 39 anos. O tempo de trabalho como professor variou de 2 a 40 anos, com média de 16,0 anos (desvio padrão de 6,9 anos) e mediana de 15,0 anos. Boa parte era professor efetivo com único vínculo (318 professores; 75,4%), e mais da metade trabalhava somente na educação infantil (232 professores; 55,0%).

Entre os professores pesquisados, 60,0% referiram ter, no presente ou passado, apresentado algum tipo de alteração vocal, sendo os sintomas mais referidos garganta seca (33,9%-143), rouquidão (31,5%-133) e cansaço ao falar (30,1%-127).

Dentre as situações de violência, as mais mencionadas foram indisciplina (183-43,3%), pichações (150-35,5%), brigas (145-34,4%), insultos (132- 31,3%), roubos de material escolar (130 - 30,8%), agressões (127 - 30,1%) e depredações (125 - 29,6%).

Das situações de violência ocorridas dentro da sala de aula (Tabela 1), a ameaça ao professor esteve estatisticamente associada à referência de presença de distúrbio de voz ($p=0,043$). Das situações ocorridas no ambiente escolar em geral, ou não especificamente ao professor (Tabela 2), foram associadas estatisticamente a referência de distúrbio de voz à manifestação de racismo ($p=0,029$), agressões ($p=0,009$), insultos ($p=0,029$), violência à porta da escola ($p=0,005$) e a violência contra os funcionários ($p=0,042$).

Das situações citadas, no modelo final permaneceram estatisticamente associadas à referência de distúrbio vocal, as variáveis ameaça ao professor frequente (OR=2,1; $p=0,052$) ou não (OR=1,8; $p=0,047$), a manifestação de racismo ocasional (OR=2,2; $p=0,007$), agressão frequente (OR=2,7; $p=0,003$), insulto frequente (OR=2,4; $p=0,004$), a violência à porta da escola frequente (OR=4,3; $p=0,002$) e a violência contra os funcionários frequente (OR=12,2; $p=0,020$) (Tabela 3).

Tabela 1 – Número e porcentagem de professores segundo a autorreferência de presença de distúrbio de voz e situações de violência ocorrida dentro da sala de aula

variável categoria	nº total	distúrbio de voz n ° (%)	p*
roubo de objetos pessoais			
não	215	133 (61,9)	0,550
ocasional	130	73 (56,2)	
frequente	50	31 (62,0)	
roubo material escolar			
não	204	122 (59,8)	0,904
ocasional	125	74 (59,2)	
frequente	64	40 (62,5)	
indisciplina na sala de aula			
não	120	68 (56,7)	0,138
ocasional	116	64 (55,2)	
frequente	161	106 (65,8)	
ameaça ao professor			
não	288	162 (56,3)	0,043
ocasional	71	50 (70,4)	
frequente	39	27 (69,2)	

p*: teste de associação pelo qui-quadrado

Tabela 2 – Número e porcentagem de professores segundo a autorreferência de presença de distúrbio de voz e situações de violência ocorridas no ambiente escolar

variável categoria	n (total)	distúrbio de voz nº (%)	p *
depredações			
não	203	126 (62,1)	0,276
ocasional	123	68 (55,3)	
frequente	71	47 (66,2)	
intervenção da polícia			
não	301	180 (59,8)	0,959
ocasional	70	42 (60,0)	
frequente	16	9 (56,3)	
roubo por aluno fora da escola			
não	295	174 (59,0)	0,426
ocasional	65	38 (58,5)	
frequente	28	20 (71,4)	
manifestação de racismo			
não	287	161 (56,1)	0,029
ocasional	77	56 (72,7)	
frequente	27	17 (63,0)	
brigas			
não	188	107 (56,9)	0,153
ocasional	111	65 (58,6)	
frequente	101	69 (68,3)	
agressões			
não	222	125 (56,3)	0,009
ocasional	112	64 (57,1)	
frequente	68	52 (76,5)	
alunos armados			
não	330	198 (60,0)	0,239
ocasional	54	31 (57,4)	
frequente	12	10 (83,3)	
insultos			
não	218	120 (55,0)	0,029
ocasional	105	64 (61,0)	
frequente	76	55 (72,4)	
violência à porta da escola			
não	254	147 (57,9)	0,005
ocasional	104	59 (56,7)	
frequente	39	33 (84,6)	
violência contra os funcionários			
não	301	175 (58,1)	0,042
ocasional	83	52 (62,7)	
frequente	13	12 (92,3)	
violência sexual			
não	348	205 (58,9)	0,328
ocasional	44	30 (68,2)	
frequente	5	4 (80,0)	
problemas de drogas			
não	244	147 (60,2)	0,192
ocasional	94	52 (55,3)	
frequente	57	40 (70,2)	
pichações			
não	176	101 (57,4)	0,282
ocasional	97	65 (67,0)	
frequente	122	72 (60,3)	

p*: teste de associação pelo qui-quadrado

Tabela 3 – Análise dos fatores associados à autorreferência de presença de distúrbio de voz e situações de violência na escola

variável categoria	OR ajustada*	p**
ameaça ao professor		
não	1,0	
ocasional	1,8	0,047
frequente	2,1	0,052
manifestação de racismo		
não	1,0	
ocasional	2,2	0,007
frequente	1,5	0,382
agressões		
não	1,0	
ocasional	1,0	0,952
frequente	2,7	0,003
insultos		
não	1,0	
ocasional	1,3	0,277
frequente	2,4	0,004
violência à porta da escola		
não	1,0	
ocasional	1,0	0,945
frequente	4,3	0,002
violência contra os funcionários		
não	1,0	
ocasional	1,2	0,407
frequente	12,2	0,020

OR ajustada* por sexo e tempo de trabalho.

p**: teste de Wald - análise múltipla por modelo de regressão logística

Discussão

Este estudo analisou professores da rede municipal de São Paulo e a porcentagem de sujeitos que fizeram autorreferência a manifestar distúrbio de voz, no presente ou passado, é semelhante a de outras pesquisas realizadas com a mesma categoria profissional⁽¹⁵⁻¹⁹⁾ e superior ao encontrado em pesquisas realizadas com a população em geral⁽²⁰⁾, fato que, mais uma vez, confirma que os professores fazem parte de um grupo de risco para distúrbios vocais.

Da mesma forma, a predominância da mulher na profissão de educar aparece neste estudo como em outras pesquisas que analisam a saúde e o trabalho dos professores^(12,21,22). A feminização do magistério é um fenômeno internacional, relatado desde 1800, associado à industrialização e à expansão da escolaridade^(23,24).

Em relação ao distúrbio de voz, pode-se afirmar que o fato das mulheres constituírem 92,9% da população pesquisada potencializa o registro de distúrbio vocal pelas características anatômicas fisiológicas femininas que predispõem à presença do mesmo^(15,25). Além disso, há o conflito entre os diversos papéis que a educadora acumula. A docência é uma carreira em que a função materna se encontra valorizada e uma atividade que, ao se confundirem os papéis, pode conduzir a uma sobrecarga geradora de exaustão⁽²³⁾. Para além do aspecto orgânico e da visão materna da docência, este dado parece revelar uma determinação sociocultural de gênero que tem efeitos na educação escolar e nas formas de organização do trabalho docente. O

“fato de termos uma maioria de mulheres como professoras significa admitir que em qualquer processo de trabalho, seja exercido por homens ou por mulheres, o gênero faz diferença. E que a

incorporação dessa perspectiva não pode ser apenas um aditivo às nossas análises habituais, baseadas na dinâmica de classe, mas exige uma revisão de todas as categorias explicativas” (26,p79).

A presença da violência, no contexto escolar, acrescenta uma carga no trabalho da professora, que se sente continuamente fragilizada e desmoralizada. O esgotamento originado no trabalho tem origem, principalmente, na associação dos sentimentos de responsabilidade e culpa, sendo a transposição família/trabalho fator que determina ou incrementa a presença de tensões ⁽²⁷⁾.

Entre as situações de violência pesquisadas, várias estão presentes no cotidiano dos professores estudados e a associação com o distúrbio de voz se fez presente. A crise da autoridade docente parece ser o correlato principal de grande parte dos efeitos de violência testemunhados no cenário escolar. Observa-se que, entre os fatores estatisticamente associados à presença de distúrbio de voz neste estudo, destacam-se aqueles que representam violência direta, como manifestação de racismo, agressão, insulto, violência à porta da escola e violência contra os demais funcionários, mais do que contra a instalação física ou aos materiais escolares. Esses resultados indicam que os educadores tornam-se, gradativamente, reféns das ações cotidianas que instalam medo, humilhação e ressentimento.

As recentes reformas da educação sugerem uma ampliação do papel do professor para além da sala de aula e extrapola a mediação do processo de conhecimento do aluno, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade ⁽²⁸⁾. Os educadores são compelidos a buscar os meios pedagógicos necessários à realização das tarefas, cada vez mais complexas, uma vez que a administração escolar não fornece, na maioria das vezes, tais subsídios. Como resultado, a escola tem se apresentado, cada vez mais, como espaço de confrontos ⁽¹⁾ e é possível supor o padecimento e consequente adoecimento dos educadores nesta condição.

A autorreferência à presença do distúrbio de voz evidencia a exposição a condições adversas de trabalho e o docente dificilmente consegue reverter seu quadro de adoecimento. Instrumento fundamental na mediação, a voz do professor é, sem dúvida, um potente recurso na relação com os alunos. Num contexto de indisciplina, é comum recorrer ao uso de uma expressão vocal que impo-

nha um fazer imperativo como gritar para pedir atenção, ou falar sem parar para garantir seu turno.

Reverter tal situação é um desafio. Ações preventivas voltadas apenas para evitar o surgimento do distúrbio de voz constituem uma proposta reducionista, principalmente frente às condições acima descritas. Uma breve reflexão sobre a atuação fonoaudiológica em práticas preventivas junto ao professor evidencia que essa tem priorizado questões relacionadas à manutenção de hábitos saudáveis de uso vocal, com a realização de exercícios de aquecimento vocal.

Sem descuidar desses aspectos, pois eles também podem interferir na produção da voz, ⁽²⁹⁾ os achados desta pesquisa alertam para a necessidade de ampliar o olhar, voltando-se para as questões de organização do trabalho escolar e relações interpessoais, especificamente, neste caso, à violência, uma vez que tal contexto contribui para o aparecimento de sintomas vocais.

Como forma de auxiliar a reverter o quadro exposto, algumas sugestões têm sido descritas, como a elaboração de projetos de redução da violência ou iniciativas de abertura da escola para maior participação da comunidade ⁽²⁴⁾.

Capacitar o professor tecnicamente para cuidar da sua voz e alcançar uma comunicação mais efetiva pode contribuir, porém, mais do que isso, as ações coletivas construídas pela “voz ativa” de cada educador em sua escola resultarão em melhor qualidade de vida e de trabalho para todos.

Conclusão

Neste estudo, confirmou-se que, em professores do ensino fundamental e médio da rede municipal de São Paulo, a autorreferência à presença de distúrbio de voz está associada a situações frequentes de ameaça ao professor, agressões, insultos, violência à porta da escola ou contra os funcionários, independente dos fatores sexo e tempo de exercício profissional.

Referências

1. Abramovay, M. Violencia en las escuelas: un gran desafío. Revista Iberoamericana de Educación. 2005. 38; 53-66.

2. Zavaschi ML, Benetti S, Polanczyk GV, Solés N, Sanhotene ML. Adolescents exposed to physical violence in the community: a survey in Brazilian public schools. *Rev Panam Salud Publica* [serial on the Internet]. 2002 Nov [cited 2011 May 30]; 12(5): 327-332. Available from: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002001100006&lng=en. doi: 10.1590/S1020-49892002001100006.
3. Aquino JG. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cad. Cedes*. 1998; 19; 47; 7-19.
4. Codo W. (coord.). Educação: carinho e trabalho. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
5. Codo W, Menezes I. As relações entre a escola, a vida e a qualidade de ensino [relatório técnico]. Brasília: CNTE, 2001.
6. Minayo MCS. (org.). Fala galera. Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
7. Gonçalves LAO, Sposito MP. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cad. Pesqui*. 2002; 115; 101-138.
8. Mattos AP. Pra tudo tem os dois lados: implicações ético-políticas da negociação de versões sobre violência numa escola municipal de ensino fundamental de São Paulo. 2005. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2005.
9. Carneiro SAM. Saúde do trabalhador público: questão para a gestão de pessoas – a experiência na Prefeitura de São Paulo. *Revista do Serviço Público*. 2006; 57(1); 23-49.
10. Centro de Vigilância em Saúde do Trabalhador (CEREST). Distúrbios de voz relacionados ao trabalho. *Boletim epidemiológico paulista*. Disponível em http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa26_dist.htm Acesso em 03 jun 2010.
11. Assunção AA, Oliveira DA. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educ. Soc*. 2009; 30(107): 349-372.
12. Dragone MLS, Ferreira LP, Giannini SPP, Simões-Zenari M, Vieira VP, Behlau M. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2010; 15(2); 289-96.
13. Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva EE, Karmann DF. Condições de Produção Vocal de Professores da Rede do Município de São Paulo. *Disturb Comun*. 2003; 14, 2, 275-308.
14. Ferreira LP, Giannini SPP, Latorre MRDO, Zenari MS. Distúrbio da voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. *Disturb Comun*. 2007; 19(1); 127-137.
15. Smith E, Kirchner HL, Taylor M, Hoffman H, Lemke J. Voice problems among teachers: differences by gender and teaching characteristics. *J. Voice*. 1998; 12, 3, 328-334.
16. Roy N, Merrill RM, Thibeault S, Parsa RA, Gray SD, Smith EM. Prevalence of voice disorders in teachers and the general population. *J Speech Lang Hear Res*. 2004; 47, 2, 281-93.
17. Preciado J, Perez, Calzada M, Preciado P. Prevalence and incidence studies of voice disorders among teaching staff of La Rioja, Spain. Clinical study: questionnaire, function vocal examination, acoustic analysis and videolaryngostroboscopy. *Acta Otorrinolaringol Esp*. 2005; 56, 5; 202-10.
18. Sliwinska-Kowalska M, Niebudek-Bogusz E, Fiszer M, Los-Spychalska T, Kotylo P, Sznurowska-Przygocka B, Modrzewska M. The prevalence and risk factors for occupational voice disorders in teachers. *Folia Phoniatr Logop*. 2006; 58; 2, 85-101.
19. Araujo TM, Reis EJFB, Carvalho FM, Porto LA, Reis IC, Andrade J M. Fatores associados a alterações vocais em professoras. *Cad. Saúde Pública*. 2008; 24; 6; 1229-1238.
20. Roy N, Merrill RM, Gray SD, Smith EM. Voice disorders in the general population: prevalence, risk factors, and occupational impact. *Laryngoscope*. 2005; 115; 11; 1988-95.
21. Silvany-Neto A, Araújo TM, Reis E, Kavalkievicz C. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Salvador. *Revista Baiana de Saúde Pública*. 2000; 24; 1/2; 42-56.
22. Schwarz K, Cielo CA. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol*. 2005; 10; 2; 83-90.
23. Hypolito AM. Trabalho docente, classe social e relações de gênero. Campinas: Papyrus, 1997.
24. Gonçalves LAO, Sposito, MP. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cad. Pesqui*. 2002; 115; 101-138.
25. Hammond TH, Zhou R, Hammond EH, Pawlak A, Gray SD. The intermediate layer: a morphologic study of the elastin and hyaluronic acid constituents of normal human vocal folds. *J Voice*. 1997; 11; 1; 59-66.
26. Carvalho MP. Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. Faculdade de Educação (USP). *Revista Brasileira de Educação*. 1996; 2; 77-84.
27. Seligmann-Silva E. Desgaste mental no trabalho dominado. Rio de Janeiro: Cortez; 1994.
28. Gasparini SM, Barreto SM, Assunção, AA. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educ. Pesqui*. 2005; 3; 2; 189-199.
29. Ferreira LP, Latorre MRDO, Giannini SPP, Ghirardi ACAM, Karmann DF, Silva EE, Figueira S. Influence of Abusive Vocal Habits, Hydration, Mastication, and Sleep in the Occurrence of Vocal Symptoms in Teachers. *J Voice*. 2010; 24; 1; 86-92.

Recebido em junho/11; aprovado em julho/11.

Endereço para correspondência

Léslie Piccolotto Ferreira
Rua Jesuíno Bandeira, 73 – São Paulo, Brasil
CEP 05048-080

E-mail: lesliepf@pucsp.br